

ROBERTO JENKINS DE LEMOS

Ilustrações

MARCELO MARTINS

# Firme Como Boia

Selecionado pela Secretaria Municipal de Educação  
do Rio de Janeiro, pela Secretaria de Educação e Cultura  
de Vitória — ES e para o Salão Capixaba — ES



4ª edição  
9ª tiragem  
2019

 **Editora  
Saraiva**

*Editor:* ROGÉRIO GASTALDO  
*Assistentes editoriais:* ELAINE CRISTINA DEL NERO  
NAIR HITOMI KAYO  
*Secretária editorial:* ROSILAINE REIS DA SILVA  
*Suplemento de trabalho:* MARCIA GARCIA  
*Supervisão de revisão:* PEDRO CUNHA JR. E  
LILIAN SEMENICHIN  
*Edição de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA  
*Assistente de arte:* MAURO MOREIRA  
*Projeto gráfico:* HAMILTON OLIVIERI JR.  
*Diagramação:* MARCOS ZOLEZI

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lemos, Roberto Jenkins de  
Firme como boia / Roberto Jenkins de Lemos ; ilustrações  
Marcelo Martins. — São Paulo : Saraiva, 2000. — (Jabuti)  
ISBN 978-85-02-03074-9  
ISBN 978-85-02-03073-2 (professor)  
1. Literatura infantojuvenil I. Martins, Marcelo. II. Título. III. Série.  
99-5079 CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Muito do que vai contado aqui aconteceu. Ou vi, ou vivi tais situações. Algumas estão se passando hoje, você pode vê-las nos jornais, nas revistas, na televisão. No exercício da liberdade de escrever, misturei esses acontecimentos e costurei-os com a linha da ficção. Mas aquilo que não ocorreu, que foi resultado de minha imaginação, bem que poderia ter ocorrido. E quem pode nos garantir que não tenha acontecido mesmo?

**Roberto Jenkins de Lemos**

Para meus  
queridos netos,  
Rebecca,  
Giovana, Tomás e Juliana,  
os quais, espero,  
um dia  
curtam as  
histórias do vovô.



# Prólogo

— É isso aí, Carminha!

— Você vai adorar!

E lá se foi a galera, naquela noite de sexta-feira, uma falação só, a alegria agitada da juventude manifestando-se nos menores gestos.

Carminha não queria ir, mas tanto insistiram que acabou topando para não ser “a diferente”.

Marcelo estacionou numa rua transversal à pista onde o “pega” já corria solto, e o grupo partiu à procura de um bom lugar para assistir às *performances* dos astros do asfalto, como eles próprios se denominavam.

Marcelo e Zé Paulo subiram numa árvore, e as quatro amigas escalaram o muro de um terreno baldio, de onde teriam uma boa visão — e o “pega” estava sensacional, adrenalina pura, carros voando dois a dois, motores roncando firme com pneus guinchando no asfalto.

E chegou a “hora da verdade”, quando os pilotos tinham de mostrar suas habilidades com derrapagens controladas, cavalos de pau, giro total, uma loucura.

Os gritos da galera às vezes abafavam a barulheira dos motores, dependendo da maluqueira cometida.

Wando seria o ponto alto da noite, mais uma vez: a superfera do volante iria cobrir o quilômetro e meio de reta da pista em duas rodas.

— Ele disse que hoje ia ficar de pé na janela! — adiantou Maria Helena.

O sinal de que a coisa ia acontecer foi dado pelos faróis acesos dos carros que se encontravam ao longo da avenida.

E aconteceu: Wando arrancou lá longe, colocou as rodas da esquerda na rampa e o carro seguiu somente sobre as rodas da direita.

Dali do muro deu para ver o carro inclinado a uns 400m.

Deu para ver, ali do muro, quando Wando começou a sair pela janela a uns 300m.

Deu para ver, ali do muro, que ele já estava com a cintura passando pela janela, a uns 100m.

E deu para ouvir o barulho do pneu explodindo.

Também deu para ver que o carro, como assustado por aquele barulhão, deu um salto a uns 50m e virou na direção do muro.

Só não deu para fazer nada. Sentiram-se congelados, vendo o carro crescendo em sua direção.

Um barulhão enorme, misturado com gritos e... Silêncio.



Quando Carminha se deu conta, não sentiu nada. Ouvia vozes distantes sem que as pudesse entender e só notou que não podia se mexer.

As vozes foram ficando mais próximas, mais nítidas; sentiu algumas dores, pareciam arranhões.

Abriu os olhos e praticamente não viu grande coisa, tudo estava na penumbra. Tentou se mexer, mas não conseguiu.

— Devagar, gente! — comandou alguém ao seu lado. — Vamos tirar esta pedra de cima dela!

Foi aí que as dores cresceram, ficaram insuportáveis, arrancando-lhe um gemido que veio lá de dentro.

— Calma, moça. Não se mexa, vamos tirar você daí, calma!

Outras vozes, muitas vozes, alguém chorava alto.

— Segurem firme, não deixem cair a pedra.

— Levante pelo seu lado!

— Vamos, agora!

Sentiu um alívio enorme quando tiraram aquele peso do seu peito; fechou os olhos com força, pois caía areia sobre seu rosto e tentou respirar fundo. Não conseguiu: uma pontada nas costas não deixou... Insistiu e a dor foi terrível.

Gritou, um som estridente e curto.

Carminha caíra do muro e uma parte dele desabara sobre seu peito.

Maria Helena, que estava com ela, caíra para o lado e os pedaços de pedra só atingiram seu braço esquerdo.

Quando a ambulância chegou, ela ainda estava deitada no mesmo lugar — não se mexe em pessoas acidentadas, e ela própria não conseguira se mexer.

Com muito cuidado — e com muitas dores — foi colocada numa maca. Ela e a amiga foram para a ambulância, apenas as duas.

Carminha passou pelo pronto-socorro apenas para tomar uma injeção e seguiu direto para exames mais detalhados — isso foi o que achou que acontecera em meio àquela movimentação toda.

Desmaiou, não sabia.

Ao despertar, percebeu que estava num quarto; silêncio, não sentia dor e, quando olhou em volta, viu seus pais conversando com um médico.

Mas não tinha certeza de nada.

Não conseguiu se mover.

Fechou os olhos, tinha de voltar à calma. Queria falar, precisava que soubessem que acordara, queria ouvir o que estavam conversando... Mas nada.

Só entendeu uma palavra: “irreversível”.

As imagens foram sumindo, seus olhos pesaram e ela voltou à proteção da escuridão.

Fora operada no primeiro atendimento.

Então, começaram exames sobre exames, frequentou consultórios, esteve em alguns hospitais, passou por clínicas, sempre com Dr. Iram, médico e amigo da família, ao seu lado, tentando lhe passar a maior força.

Seu pai, Marco Aurélio, executivo de um banco, tinha recursos e conhecia muitas pessoas, o que garantiu o melhor atendimento para ela, mas “irreversível” continuava sendo sua sentença.

Foi até examinada num famoso hospital americano — “irreversível” também lá.

Voltou derrotada.

Regina, sua mãe, fazia tudo para animá-la, puxava conversa, mas ela continuava apática, não queria falar com ninguém.

Seus amigos acabaram rareando as visitas, pois era desconfortável tentar conversar com uma pessoa que não falava nada nem olhava para ninguém.

Era duro para ela, no vigor dos seus 16 anos, dona de uma alegria contagiante, promissora jogadora de vôlei, aceitar as limitações daquela cadeira de rodas à qual se viu confinada de um dia para outro.

Teria sido muito melhor se tivesse morrido.

Aquilo tudo só podia ser um pesadelo, um sonho pavoroso!



## Muita paz à beira-mar

**F**ora prescrito para Carminha um programa de fisioterapia específico.

Na queda, caíra de costas sobre uma pedra e um pedaço do muro desabara sobre seu peito, comprimindo-a. Sofrera uma seção parcial da medula na altura da terceira vértebra torácica, logo depois do pescoço, no início das costas.

Os nervos afetados deixaram-na paralisada do peito para baixo, paraplégica era o termo médico para aquela situação — não andaria, sequer engatinharia, nem com a ajuda de aparelhos, razão para que o diagnóstico fosse acrescido daquela horrível palavra: “irreversível”.

Os exercícios que deveria realizar tinham por objetivo evitar a atrofia dos músculos das pernas, ativando-os também por meio de massagens e pelo uso de aparelhos simples; esses procedimentos também fortaleciam seus ossos, estimulavam a circulação sanguínea, garantindo a higiene dos músculos e tecidos, além de contribuir para a regularização do seu metabolismo.

— Vamos trabalhar essas pernas — anunciara Dr. Iram —, pois pernas tão bonitas como as suas merecem toda a nossa atenção.

Nem a brincadeira do seu médico, repetida várias vezes, arrancara-lhe mais que um sorriso sem graça.

Júlia, que fora sua babá, dedicara-se a ela com empenho, acabando por ser sua principal interlocutora, mas

só merecia meia dúzia de palavras diárias da menina; Carlos e Celso, seus irmãos mais velhos, nem isso, apenas sorrisos pálidos.

Seu melhor momento foi quando chegou sua cadeira de rodas definitiva: estrutura de alumínio, rodas iguais às de bicicleta, uma prancheta lateral móvel que, uma vez armada, fazia as vezes de mesinha, e um motorzinho elétrico comandado por um guidom em “L” invertido que, movimentado para os lados, dava direção às rodinhas da frente; no cabo do guidom, uma alavanca, como se fosse o freio de uma bicicleta que, ao ser apertada, acionava o motor.

Uma alavanca na lateral esquerda comandava a marcha a ré; a energia vinha de uma bateria, que era recarregada à noite em qualquer tomada; e o assento, uma almofada d’água.

O motor era especialmente protegido, e ela podia entrar debaixo do chuveiro com a cadeira, pois todo o seu material era à prova d’água.

Seu pai testou a cadeira, e a jovem até sorriu dos seus erros — quando Carminha a assumiu, saiu-se muito bem, como se fosse uma veterana “cadeirista”.

Em dois grandes centros médicos, Carminha aprendeu pequenas coisas muito importantes para reduzir seu desconforto, como tomar banho sozinha sentada na cadeira de rodas, e a usar o cateter — um tubinho fino de plástico — para retirar a urina, e foi-lhe recomendado fazer muita fisioterapia.

Perdera os movimentos dos músculos do peito para baixo, logo, a bexiga e os intestinos ficaram sem controle, e a solução para seu caso foi o uso de fraldas. Tinha de trocá-las seis vezes por dia, não tinha nenhuma sensibilidade.

Carminha chorou muito por causa da tal fralda, tinha vergonha, verdadeiro pavor de ser cuidada por outras pessoas. — “Isso é humilhante!” — desabafara certa feita.

Antes de dar início à fisioterapia, Dr. Iram explicou-lhe as razões daquele tratamento: era preciso ter cuidado com as escaras, já que ela iria ficar sentada ou deitada, e a pressão constante dos ossos do corpo contra o colchão ou o assento da cadeira poderia levar à morte do tecido comprimido ou da carne, como geralmente se diz; e esclareceu à jovem que aquilo que era chamado de escara na verdade era como uma ferida.

Destacou a importância de uma rigorosa higiene corporal, das massagens que estimulariam a circulação do sangue, também movimentando o tecido muscular, e, finalmente, dos exercícios que atuariam diretamente os músculos, além de contribuírem para a boa circulação do sangue.

Apesar de todas essas explicações, perfeitamente entendidas, Carminha não alterou seu ânimo — ou desânimo.

Foi para a Magno Clínica por ir, embora já conhecesse o fisioterapeuta de lá, carinhosamente chamado de Maguinho pelos atletas da sua escola que, contundidos, eram ali atendidos.

— Eu não me conformo, Iram.

— Marco Aurélio, adolescente é assim mesmo. Carminha é igual a todos eles, agem mais pelas amizades e emoções do que pelo raciocínio, e é exatamente sobre isso que quero falar com vocês — o médico convidara o casal para uma conversa no seu consultório. — Ela está deprimida, como eles mesmos dizem, sem pique, baixo-astral: como atleta, sabe o que não poderá mais fazer.

— Iram, mais do que deprimida, Carminha parece estar com raiva! — observou Regina. — Não se interessa por nada, não quer conversar nem conosco, só responde com monossílabos ou resmungos...

— Sei que é duro pra ela — considerou Marco Aurélio —, mas seu comportamento torna tudo muito pior pra todos

nós. Claro que a vida dela vai mudar radicalmente, nós ainda teremos de descobrir como vai ser essa nova vida.

— Sem dúvida que isso tudo é difícil de suportar. De fato, ela está com raiva, ficou de mal com o mundo, só que isso não é de todo ruim — acrescentou o médico.

— Não estou entendendo, Iram — Marco Aurélio foi franco.

— Raiva é um sentimento forte, é negativo, mas demonstra uma reação — o médico ia explicar o que estava pensando. — O que precisamos é canalizar a força emotiva de Carminha para o lado positivo.

— O que ganharíamos com isso e como fazer tal mágica? — quis saber Regina.

— Esse é o nosso problema agora! Ela se isolou de todos — o médico acompanhava o comportamento da moça. — Seus amigos a procuraram, mas ela os afastou.

— E como! — concordou a mãe. — O time de vôlei, então! Ela não quer nem ouvir falar no nome das colegas! As meninas programaram uma festinha e Carminha não aceitou nada. A placa de prata que entregaram pra mim... Quando lhe dei, atirou-a pela janela.

— Bem... Então o ambiente da casa não está sendo bom para sua recuperação — encaixou o médico.

— Mas como?! Lá ela tem de tudo, meu Deus! — exclamou o pai.

— Carminha tem um temperamento forte, é bastante determinada. Ocorre que existe um quadro real: estar em casa, cercada de carinhos e atenções, não está sendo bom para ela! Ela aceitou a fisioterapia, mas vai à clínica do Maguinho sem entusiasmo, vai contrariada, é só o seu corpo que entra ali; a cabeça e a vontade ficam fora, entenderam? Sua resposta está muito nítida: ela está zangada conosco, ela rompeu com a gente. Na minha opinião, precisamos dei-

xar Carminha livre da nossa presença — fez uma pausa para dar tempo aos dois para absorverem o que propunha. — Talvez as atenções e os cuidados a estejam sufocando, pode ser que esse ambiente, esse clima de superproteção, não a deixe pensar noutra coisa que não na “sua culpa” pelo acidente.

— É... Isso faz um certo sentido — refletiu Marco Aurélio.

— Vejam bem, não tenho certeza absoluta de nada — Iram fez questão de ser bem claro —, mas poderíamos tentar um esquema diferente: levá-la para um outro lugar... Pedra do Peixe, por exemplo. É perto, tem comunicação fácil, é de vocês, não se trata de uma clínica e ela gosta de lá...

— É, eu poderia ir com ela...

— Você, não, Regina — Iram a interrompeu carinhosamente. — Nós todos, na minha opinião, somos parte do problema. Se ela for, Júlia seria a companhia ideal.

Um parêntese sobre Júlia: ela estava com eles desde o nascimento de Carlos, o filho mais velho; fora babá dos três e, à medida que Carminha crescia, foi-se tornando uma espécie de governanta da casa, uma pessoa da família que cuidava de tudo e de todos.

— E a fisioterapia? — lembrou Marco Aurélio.

— Bem, os exercícios são simples, e a aparelhagem é de fácil transporte. Júlia a tem acompanhado nas sessões e com um pequeno treinamento estará em condições de tocar os exercícios corretamente e de fazer as massagens — Iram traçava com simplicidade as linhas da nova estratégia.

— É, isso pode funcionar...

— Só não se esqueçam de que a decisão tem de ser dela. Vocês iriam para lá num final de semana prolongado, voltariam no domingo deixando as duas sozinhas. Vamos ver qual será a reação dela — fechou Dr. Iram.